

UMA LEITURA DO LIVRO DE RUTE: MULHERES POBRES E TRANSGRESSORAS DO JUDAÍSMO

Célio de Pádua Gracia¹

Resumo

Utilizando a concepção de Discurso apresentada por Foucault (2008) em A Arqueologia do Saber e a concepção de dialogia e alteridade em Bakhtin (1995), este artigo tem como objetivo analisar a constituição interdiscursiva do conceito de fidelidade para a religião, tendo por base o livro de Rute. Destaca-se também o conceito de goelato e levirato, seu conceito de perpetuidade da família, e transgressão apresentada, o que ultrapassa os preceitos do judaísmo.

Palavras-chave: *Discurso. Alteridade. Redenção. Levirato.*

Abstract

Using the conception of Discourse presented by Foucault (2008) in The Archaeology of Knowledge and the conception of dialogue and otherness in Bakhtin (1995), this article aims to analyze the interdiscursive constitution of the concept of faithfulness toward religion, taking as a basis the book of Ruth. We also spotlight the concept of “goelate” and levirate marriage, its concept of perpetuity of the family, and the transgression shown, what trespasses the precepts of Judaism.

Introdução

Dedico este artigo ao nosso amigo-irmão Milton Schwantes que dedicou sua vida à leitura popular da Bíblia que já celebra a festa que não tem fim. Agradeço a Deus a oportunidade de poder ter tido encontros vários com este homem que soube viver o que leu no evangelho da vida. O que segue adiante é uma tentativa daquilo que ele nos ensinou.

1. Frade dominicano, doutorando em ciências da religião na PUC-GO.

Os versículos que se encontram no livro de Rute, capítulo um, versículos dezesseis e dezessete, têm sido usados com muita frequência em cerimônias religiosas de casamento, como se esta declaração tivesse sido dita de um homem para uma mulher, ou vice-versa, um desconhecimento da totalidade do livro leva a essa conclusão; no entanto, o texto pede que seja lido e interpretado mais apropriadamente. Os interlocutores em questão são mulheres, numa relação familiar, e a relação que as une tem sido apresentada, ao longo da tradição ocidental, como uma das mais conflituosas – a de nora e sogra. Rute, a nora, promete a Noemi, sua sogra, uma total fidelidade propondo-se acompanhá-la permanentemente nesta vida – “onde fores, irei eu” – e para além da vida – “Onde quer que morreres morrerei eu, e ali serei sepultada”. É um amor que leva à partilha dos mesmos laços políticos – “o teu povo é o meu povo” – e religiosos – “o teu Deus é o meu Deus”. Amor tão grande que só termina com a morte – “se outra coisa que não seja a morte me separar de ti!” Um tema central neste livro é a fidelidade, seja entre homens e entre Deus e os homens. Esta fidelidade é construída discursivamente pelas falas dos interlocutores, Noemi, Rute e Booz.

A história de Rute, bem como o livro de Rute, texto encontrado entre os muitos do Antigo Testamento, é um dos relatos mais ricos que narra um período em que as dificuldades sociais de um país, Israel, confluem na emigração de uma família de quatro pessoas, Elimelec, Noemi, Maalon e Quilion, a um outro país, no caso Moab. Vão a um povo com uma outra cultura, que por sinal diferente, politeísta, hostil à cultura judaica de então em busca de alimento, pois seu país, Israel, estava sendo assolado por uma grande fome, a qual os obriga a abandonar seu lar e ir em busca de algo melhor. No retorno, duas mulheres, Noemi e Rute, frustradas, viúvas, sem dinheiro, mais pobres ainda do que quando estavam em Moab, devem recomeçar toda uma vida. Percebe-se, pois, que o elo de toda a trama desta *história* está em uma mulher, Noemi. É uma mulher que consegue unir os laços familiares, desfeitos pela morte, e os reconstrói através do seu exemplo altruísta ao desobrigar suas noras de a acompanharem, instruindo-as a seguirem seus próprios caminhos. Sua conduta de mulher ‘virtuosa’ chega ao ponto de restaurar sua ‘posteridade’, como que por processo de *levirato*, através do ato de fidelidade de sua nora, Rute. Entendemos que o ato de solidariedade de Noemi seja o ponto chave da continuidade da geração de Elimelec, ainda que Rute seja o meio pelo qual esta posteridade foi recuperada. O texto que se encontra no primeiro capítulo do livro de Rute nos relata:

Disse, porém, Rute: Não me instes para que te abandone, e deixe de seguir-te; porque aonde quer que tu fores irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres morrerei eu, e ali serei sepultada. Faça-me assim o *Senhor*, e outro tanto, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti (Rt 1,16-17).

O texto supracitado tem sido apropriado de uma forma indevida pela maioria dos oradores ao utilizá-los nas cerimônias de casamento, apenas. Nada impede de que seja usado para tal, uma vez que se tornou um texto escrito, qualquer pessoa pode utilizá-lo. O que, na verdade, chama a atenção é o fato de que não existe esta relação

de fidelidade matrimonial nos interlocutores a que se refere o texto. Podendo, então, dizer que o mesmo foi apropriado indevidamente. A fidelidade a que se refere é a de uma nora para com sua sogra. Uma fidelidade de família. Uma fidelidade de amizade e de reconhecimento. O termo fidelidade vem de dois termos hebraicos, *'emet* e *'emunah*, verdade e fidelidade, ou fé, denotando o sentido de firmeza, imobilidade, se manifesta de duas maneiras: na relação da lealdade de Deus em sua aliança com o seu povo, Deus jamais falha, jamais erra, sempre firme, conforme MI 3,6 “Porque Eu, o Senhor, *não mudo...*”; e Tiago 1,17 “Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, *em quem não pode existir variação ou sombra de mudança*” (grifos nossos). Desta forma a lealdade de Deus em relação à sua palavra, ao seu povo e suas promessas são inabaláveis. O homem também demonstra esta lealdade para com Deus e para com o próximo. Homens fiéis demonstram responsabilidade em relação a Deus e aos homens. ‘Ao confiar em Deus, o homem justo ganha a confiança e a firmeza que não existe em si próprio’².

A fidelidade se constitui na relação do sujeito com o outro conforme os conceitos de alteridade de Bakhtin (1992)³, *‘o sujeito se constitui através das relações que estabelece com o outro’*, isto é, o que pratica a ação constitui uma dialogia, uma relação de responsividade, ou responsabilidade, com aquele que, ou de quem, recebe a ajuda. Para Bakhtin, é na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem. O ser se reflete no outro, refrata-se no outro. A partir do momento em que o indivíduo se constitui, ele também se altera, constantemente, em se tratando do discurso religioso Deus não se altera, embora haja texto que sugira o arrependimento, a mudança na relação de Deus com o penitente. Pela convivência com Noemi, Rute altera seu modo de relacionamento com sua sogra, a ponto de assumir para si a religião e o povo de sua sogra, “teu Deus é meu Deus e teu povo é meu povo”. Sabe-se que toda prática advém de um discurso prévio e que esse discurso leva a outra prática, que por sua vez gera outros discursos que sucessivamente vão se estabelecendo nas esferas onde permeiam.

Geraldi⁴ resume a alteridade e o dialogismo nas seguintes palavras:

São duas categorias essenciais em Bakhtin. Quando escrevemos temos no horizonte um interlocutor, digo o que construí e o Outro entende e pode fazer uma outra construção em cima disso, e me retornar. Daí a Responsabilidade. No processo de dialogia de Bakhtin, os sujeitos do diálogo se alteram em processo (devir). O Diálogo é uma corrente inserida na cadeia infinita de enunciados (atos) em que a dúvida leva a outro ato e este a outro, infinitamente. O enun-

2. HARRISON, Everett; BROMILEY, Geoffrey W. *Baker's Dictionary of Theology*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1981. – *Faithful, faithfulness*. ‘By relying on God, the righteous man gains reliability and firmness which does not exist in himself’.

3. BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

4. GERALDI, João Wanderley. *Verbetes do curso “Tópicos de Linguística V”, sobre o pensamento de Mikhail M. Bakhtin*, anotados entre julho e novembro de 2003.

ciado afirmado por alguém passa a fazer parte de todos os enunciados, numa cadeia infinita. O mundo ético é fluido e concreto, enquanto que a historicidade do ser em evento, participante, não é. O centro de valores se dá fora do humano em toda a humanidade, considerando-se a natureza como centro irradiador da verdade. A identidade é dada pela alteridade.

Desta forma, entende-se que o discurso se constitui pela sucessão dos enunciados que são proferidos pelos interlocutores. É nessa alteridade de enunciados que se dão os discursos.

Maingueneau (2005) define o discurso nos seguintes termos: ‘O discurso é uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas’. Remete-o, pois, à formulação de Foucault (1986):

Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa⁵.

Afirma, ainda, que ‘estamos diante de objetos que aparecem ao mesmo tempo como integralmente linguísticos e integralmente históricos’ (p. 16), entendemos que a análise do discurso nos oferece ferramentas para que trabalhemos, à medida que se propõe compreender a produção de efeitos de sentido, a partir de sujeitos que estão historicamente inscritos dentro da sociedade que usam a linguagem. Os sentidos são sócio-históricos e os discursos se confrontam, se envolvem em batalhas e expressam as lutas em torno da verdade⁶. Desta forma utilizaremos, neste artigo, algumas ferramentas para analisar o discurso das falas de Noemi, Rute e Booz. Tais falas marcam o sentido que o escritor quis transmitir, ao escrever e relatar esta história tão cheia de encantos que até hoje, mais de dois mil anos ainda norteiam muita gente a seguir no caminho da fidelidade e da verdade. Os sujeitos estão inseridos num contexto histórico-social, os diálogos afirmam e confirmam os sentidos.

1. A interdiscursividade manifesta no discurso religioso

A interdiscursividade, isto é, os diálogos que se dão para compor a história se manifestam na interpretação de cada personagem, o que nos leva a analisar os seus postulados destacando alguns enunciados que compõem a sua memória discursiva. Como explica Pêcheux⁷:

5. MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese do discurso*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2007.

6. MAGRI, Marília Valencise & BARONAS, Roberto Leiser. A constituição do ethos no discurso relatado: apontamentos sobre a construção da verdade no discurso jurídico. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Análise de Discurso: problemáticas contemporâneas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

7. PÊCHEUX, Michel. *Papel da memória*. In: Achard, P. et al. *Papel da memória* (Nunes, J.H., trad.), 1999, p. 52.

A memória discursiva seria aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Pêcheux afirma que todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento de outro. Isto é, os sentidos se constroem na oposição com outros sentidos. Deste modo, quando não se consegue recuperar a memória que sustenta um determinado sentido, tem-se o nonsense, o incompreendido, a anedota. Mesmo que o falante não tome consciência desse movimento discursivo, ele tem fluidez natural.

[...] o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado [...]⁸.

A memória discursiva enfatizada por Pêcheux como interdiscurso também é um saber que possibilita sentido ao que se fala. Esse saber corresponde a alguma coisa que já fora falado em outro lugar, isto é, o “já dito”, mas que está presente em nossos discursos.

O Dicionário de Análise do Discurso⁹, no verbete sobre memória discursiva, mostra que o discurso está ligado à memória de maneira constitutiva, destacando dois planos importantes: o da textualidade e o da história. Para esses autores, o discurso constrói, entretende progressivamente uma memória intratextual. Ao produzir um enunciado, podemos nos lançar a um enunciado já dito. ‘Teu Deus é meu Deus, teu povo é meu povo’. Isto é, o conhecimento prévio que ela teve da religiosidade da família de Elimelec fez com que tomasse a atitude de assumir para si a religiosidade e a nacionalidade de seus interlocutores, sogros, marido e cunhado.

De acordo com Pêcheux, os enunciados que são produzidos em outro momento da história podem ser recuperados no novo discurso ou rejeitados posteriormente em outros contextos discursivos. Os enunciados estão sempre se recuperando na formação de outros discursos de cada sujeito, que produzindo novos discursos estabelecem relações com o que já foi dito, interdiscursivamente com a memória discursiva.

Foucault chama essa recuperação de enunciados já ditos de fenômeno de recorrência:

8. PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001, p. 77.

9. CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 2. ed., 3 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

Todo enunciado compreende um campo de elementos antecedentes em relação aos quais se situa, mas que tem o poder de reorganizar e de redistribuir segundo relações novas. Ele constitui seu passado, define, naquilo que o precede, sua própria filiação, redesenha o que o torna possível ou necessário, exclui o que não pode ser compatível com ele. Além disso, coloca o passado enunciativo como verdade adquirida, como um acontecimento que se produzia, como uma forma que se pode modificar, como matéria a transformar, ou, ainda, como objeto de que se pode falar¹⁰.

Em relação a todas essas possibilidades de recorrência, a memória e o esquecimento, a redescoberta do sentido ou sua repressão, longe de serem leis fundamentais, não passam de figuras singulares. Assim todo enunciado evoca outros enunciados já ditos anteriormente e se atualizam no momento enunciativo e produzem um novo significante, excluindo o que não é compatível. Ao recuperar um enunciado já dito, o sujeito lhe dá um novo sentido, mas é necessário que este enunciado seja de domínio dos interlocutores.

1. A fidelidade manifesta no diálogo de Rute e Noemi

Rute e Noemi são mulheres estrangeiras, pobres e viúvas. Um abalo no sistema sociorreligioso judaico.

Podemos dizer que o livro em discussão se coloca na história, tanto de Israel como a universal, como *o drama dos pobres*, desvalidos, entregues ao infortúnio, que são forçados a deixar suas terras à procura de lugares melhores devido à fome, à seca e à miséria que assolam seus países; a emigração é um evento inevitável, assim o povo precisa emigrar. Primeiro, a família de Elimelec deixa sua terra, Belém da Judeia, em busca de uma vida menos sofrida em um país que, por sorte, se encontra em situação menos calamitosa, a terra de Moab, que está em melhor situação. Durante um período de bonança encontra o que procuram, seus filhos se casam e constituem família, mas o destino muda tudo ao morrerem pai e filhos. As mulheres ficam sós e vulneráveis à pobreza e à exclusão. Fora do sistema econômico e religioso. Sem ter um rumo para suas vidas, decidem voltar e recomeçar. Este capítulo se propõe a fazer uma releitura do livro de Rute, tendo os olhos voltados para duas mulheres: Rute e Noemi. Esta história é profundamente reveladora de uma história muito mais ampla, pois nos revela as relações dos seres humanos e, por conseguinte, de Deus com seu povo e com os outros povos. Podemos afirmar que Deus se revela como Deus da humanidade e não de um povo específico, Ele é o Deus da criação. Dentro desta leitura podemos recuperar o discurso dos excluídos da história de Israel que, embora não judeus, cultivam, tal como Rute, as virtudes da fidelidade, da amizade e da mansidão. Tais sentimentos não são exclusivos só de quem professava o Judaísmo. Encontramos os interlocutores em questão, as mulheres e a relação de fidelidade

10. FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 7. ed., 2008.

familiar que as une (nora e sogra). Destacando as características de cada uma podemos categorizá-las para melhor entender os enunciados que compõem este discurso de fidelidade e amizade.

Tanto Noemi quanto Rute são mulheres que assumem em sua vida a fidelidade uma para com a outra. Mortos os filhos, as noras Orfa e Rute são desobrigadas de manter laços de união com sua sogra Noemi; por isso ela se despede e as despede, para que vivam e recomecem suas vidas. De acordo com o texto, Orfa volta para seu povo, mas Rute propõe-se a seguir Noemi. Percebemos que no processo de dialogia entre nora e sogra, o discurso já não é mais o mesmo. Rute deixa sua própria religião e segue a religião de sua sogra: ‘teu Deus é meu Deus’; entendemos que os laços de amizade e fidelidade se constroem pela alteridade e dialogia. Em hebraico não há nenhuma referência textual quanto ao futuro. Mas fica claro que a decisão de Rute em acompanhar Noemi, pousar onde esta pousasse, serem enterradas no mesmo lugar se baseava no enunciado ‘teu Deus é meu Deus e teu povo é meu povo’, isto é, esta declaração é o princípio da fidelidade de Rute para com sua sogra. A fidelidade para com a próxima parte da relação de fidelidade com Deus. Em Rute e Noemi encontramos mulheres que seguem o comportamento dos que lançam a sorte nas mãos do Deus de Israel, deixam tudo e assume o êxodo do dia a dia, colocam-se nas do lado dos pobres e se aliam aos oprimidos. O retorno de ambas causa um estranhamento entre os habitantes de Belém, pois a menção do apodo ‘moabita’ a distingue das demais mulheres que ali habitavam. Reconheciam, no entanto, a fidelidade para com a sogra. Em Belém fora chamada de moabita; até então não havia este apodo.

Segundo Maria Luísa Ribeiro Ferreira¹¹, no clássico ensaio de Caroll Gilligan, *In a different voice*¹², a construção da identidade das mulheres é descrita a partir de uma teia de relacionamentos estruturantes, na qual se formam a consciência ética e os valores morais. O livro de Rute, no entanto, não destaca uma personagem apenas; centra-se, de preferência, em relações, Noemi-Rute, Booz-Rute. A dupla Noemi-Rute é determinante na condução e estrutura da história, retratando uma amizade que é feita de entendimentos e cumplicidades, alicerçada numa vida comum e na partilha de provações. A afirmação do caráter androcêntrico da Bíblia hebraica se tornou um lugar-comum. Trata-se, na verdade, de um relato escrito por homens, em que estes são os principais detentores do poder e que é evidente o seu protagonismo. O que as mulheres na comunidade bíblica pré-cristã realizam advém do elo que as liga a uma determinada linhagem, para a continuidade da qual deverão contribuir. O estatuto social é atribuído por intermédio do homem – toda mulher é esposa, filha, serva, de alguém, ou algum outro acólito discursivamente manifesto, Raab, a prostituta – “De quem é esta moça?” – pergunta Booz ao criado encarregado dos segadores (Rt 2,5).

11. FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *Contributos bíblicos para a condição feminina – o livro de Rute*. (2001). Disponível em <<<http://religioes.no.sapo.pt/Rute.html>>> – Acesso em abril de 2012.

12. GILLIGAN, Caroll. *In a different voice*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1982.

Conforme Carol Meyers¹³, o texto bíblico faz referência a 1.426 nomes, dos quais 1.315 são masculinos e 111 femininos. Esta desigualdade da presença feminina não implica anulação da mesma. Há mulheres na Bíblia, com atuações de primeiro plano como Judite, Ester ou Rute, cujo comportamento justifica o título de livros. Outras têm um papel mais apagado, o que não quer dizer menos relevante. Sejam elas transgressoras como Eva, esposas comuns como Sara e Rebeca, Raquel e Lia, virgens como Dina e Abisag de Sunam; outras sedutoras, como Tamar e Dalila, rebeldes como Jezabel, violentas como Jael; algumas profetisas, como Débora e Ana, as mulheres brotam nos textos sagrados mostrando-nos o reverso de uma sociedade patriarcal e dando-nos acesso à intimidade de um povo. ‘O Livro de Rute reconhece explicitamente a importância da presença feminina quando Noemi, ao despedir-se das noras, lhes diz: “Ide, voltai para a casa da vossa mãe” (Rt 1,8)¹⁴. O costume era dizer *a casa de vosso pai*, uma vez que a cultura judaica é patriarcal.

2. A promessa da redenção a Booz e Obed

Segundo o *Baker's Dictionary of Theology*, a redenção, embora esteja bem aliada com a salvação, é mais específica, pois se relaciona mais com o meio pelo qual se chega a esta salvação, isto é, pelo pagamento de um resgate. Segundo a tradição do antigo Israel tanto a propriedade quanto a vida podia ser redimida. Segundo a legislação do Velho Testamento, o Pentateuco, se um homem perdesse sua propriedade por causa de dívida ou se vendesse a si próprio como escravo, tanto ele quanto sua propriedade poderiam ser resgatados se um parente próximo se prontificasse a pagar o preço pela redenção, ou resgate.

Se teu irmão empobrecer e vender alguma parte das suas possessões, então, virá o seu resgatador, seu parente, e resgatará o que seu irmão vendeu. Se alguém não tiver resgatador, porém vier a tornar-se próspero e achar o bastante com que a remir, então, contará os anos desde a sua venda, e o que ficar restituirá ao homem a quem vendeu, e tornará à sua possessão (Lv 25,25-27).

E também detalha a lei da seguinte forma:

Quando o estrangeiro ou peregrino que está contigo se tornar rico, e teu irmão junto dele empobrecer e vender-se ao estrangeiro, ou peregrino que está contigo, ou a alguém da família do estrangeiro, depois de haver-se vendido, haverá ainda resgate para ele; um de seus irmãos poderá resgatá-lo: seu tio ou primo o resgatará; ou um dos seus, parente da sua família, o resgatará; ou, se lograr meios, se resgatará a si mesmo. Com aquele que o comprou acertará contas desde o ano em que se vendeu a ele até ao Ano do Jubileu; o preço da sua venda será segundo o número dos anos, conforme se paga a um jornaleiro. Se ainda

13. MEYERS, Carol. Everyday life. Women in the Period of the Hebrew Bible. In: Carol A. Newsom & Sharon H. Ringe (eds.). *The Women's Bible Commentary*. London / Westminster: John Knox Press, 1992.

14. O comentário feito por Edward Campbell a Rt 1,8 (The Anchor Bible, vol. 7, p. 64) nota o caráter insólito da expressão “casa da vossa mãe”, pois o habitual é falar na casa paterna (Gn 38,11; Lv 22,13).

faltarem muitos anos, devolverá proporcionalmente a eles, do dinheiro pelo qual foi comprado, o preço do seu resgate. Se restarem poucos anos até ao Ano do Jubileu, então, fará contas com ele e pagará, em proporção aos anos restantes, o preço do seu resgate. Como jornaleiro, de ano em ano, estará com ele; não se assenhoreará dele com tirania à tua vista. Se desta sorte se não resgatar, sairá no Ano do Jubileu, ele e seus filhos com ele (Lv 25,47-54).

Observa-se que a lei da redenção é bem detalhada. De uma forma ou de outra o resgate era uma lei que deveria ser cumprida. Do discurso legal se estende ao discurso religioso em que Deus mesmo é o resgatador. Ele redime a Israel da escravidão do Egito, da Babilônia e do pecado. Sendo este último mais recorrente no Novo Testamento.

Em todo este processo de redenção, resgate, remissão está a figura importantíssima do resgatador, ou o redentor. Ele é a parte responsável pela redenção. O *Goel*, termo usado no Velho Testamento, se encontra em vários sentidos. O meio para recuperação de uma propriedade vendida como pagamento de dívida; a restauração e preservação do nome daquele que morreu sem deixar uma prole. Neste caso cabia ao irmão tomar sua esposa, casamento por levirato, e suscitar-lhe semente, para que seu nome não fosse esquecido em Israel, “*Se irmãos morarem juntos, e um deles morrer sem filhos, então, a mulher do que morreu não se casará com outro estranho, fora da família; seu cunhado a tomará, e a receberá por mulher, e exercerá para com ela a obrigação de cunhado*” (Dt 25,5). Visto que o assassinato significa ser cortado do parentesco e dos bens terrenos, era dever dos parentes vingá-lo “[...] e livrará o homicida da mão do vingador do sangue” (Nm 35,25). Assim o resgatador, o *Goel*, tinha um papel importantíssimo no processo do resgate; não podia ser qualquer pessoa que quisesse resgatar, tinha que ser um parente mais próximo.

Noemi mostra para Rute que Booz tem a responsabilidade de exercer o levirato, mas o fará mesmo pelo *goelato* (2,20). Booz se apresenta como resgatador, *Goel*, dos bens de Noemi, uma vez que o outro parente mais próximo se dispusera a resgatar os bens de Noemi, e entendeu que precisava se casar com Rute e ter filhos para manter a herança deles, exercer o levirato, não quis assumi-la como esposa, então Booz se apresenta como o redentor de Noemi e o restaurador da semente das mesmas. Uma vez suscitando-lhe um filho, restauraria a herança das duas mulheres. O *goelato* e o levirato são duas práticas discursivas diferentes, ainda que tenham a mesma finalidade de restauração. O *Goel* é aquele que põe fim ao sofrimento da escravidão. Jó exprime esta esperança de redenção final ao dizer: “*Porque eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus*” (Jó 19,25-26).

O casamento de Booz e Rute seria uma transgressão em relação ao mandamento divino em que o próprio Javé proferira em relação aos moabitas:

Nenhum bastardo entrará na congregação do Senhor; nem ainda a sua décima geração entrará na congregação do Senhor. Nenhum amonita ou moabita entrará na congregação do Senhor; nem ainda a sua décima geração entrará na congregação do Senhor, eternamente. Porquanto não saíram com pão e

água a receber-vos no caminho, quando saíeis do Egito; e porquanto alugaram contra ti a Balaão, filho de Beor, de Petor, da Mesopotâmia, para te amaldiçoar (Dt 23,2-4).

Talvez só se entenda esta transgressão com o olhar da misericórdia, uma vez que Rute predispusera em seu coração de seguir Noemi em seu caminho de retorno à terra prometida, fora-lhe concedido o perdão e desta forma pôde então entrar na congregação. Os discursos variam de acordo com o tempo e o espaço, as esferas em que são produzidos podem sofrer mudança à medida que novos enunciados ocupam lugar de outros enunciados que, ora são recuperados, ora são apagados. Rute, bem como sua segunda sogra, Raab, estão incluídas na genealogia do próprio Cristo. Rute passa de um estatuto de *bastarda* para o de esposa desejada. A pobreza e precariedade originárias que a levaram a comer as sobras que outros deixavam, agora dão lugar a uma situação tranquila, casando-se com um parente rico e recebendo, assim, as bênçãos dos anciãos:

Todo o povo que estava na porta e os anciãos disseram: Somos testemunhas; o Senhor faça a esta mulher, que entra na tua casa, como a Raquel e como a Lia, que ambas edificaram a casa de Israel; e tu, Booz, há-te valorosamente em Éfrata e faze-te nome afamado em Belém. Seja a tua casa como a casa de Perez, que Tamar teve de Judá, pela prole que o Senhor te der desta jovem (4,11-12).

A referência às duas matriarcas, Raquel e Lia, que também eram estrangeiras, e a Tamar que suscitou sua descendência pelo levirato, ainda que a contragosto de Judá, faz com que se perceba a importância que Rute tivera para a história de Israel e, posteriormente, para a história do Cristo, pois faz parte da cadeia de mulheres que se sucederam até chegar ao Messias. Tamar, Raab, Rute, Betsabeia, Maria, são mulheres que à semelhança de Rute foram resgatadas do seu opróbrio, cada uma com seu próprio resgatador, e se empenharam na dedicação da edificação do Reino, quer de Israel, quer do Cristo. Vê-se em Rute o exemplo de uma vida restaurada, redimida e inserida no processo de construção do reino.

Em Booz encontra-se outra proposta de vida e da vivência da fé hebraica, da releitura e da lei; nele, pois, encontram-se gestos de solidariedade e de vivência da justiça baseados em sua fé. Assim, ele se coloca aberto para viver a fraternidade e a partilha, provocando uma abertura ao projeto de Deus. Ele vê em Rute aquela que deixou sua segurança seu povo e se fez como Abraão (Gn 12,1): “Ora, disse o *Senhor* a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei”.

Conclusão

Abordar um livro histórico-religioso com outro olhar, não só o religioso, mas também o social e literário, é uma tarefa um tanto desafiadora. A tendência é sempre a mesma que a maioria dos comentaristas fazem: procurar encontrar as verdades divinas que estão por trás das linhas, na profundidade do texto. No entanto, se esquecem de que na superfície também está refletido o caráter divino do texto. O que

está escrito em primeiro plano é exatamente o que o escritor pretendia, em primeira instância, revelar ao escrever este ou aquele texto. Tentar desvendar mistérios escondidos no texto é o mesmo que tentar alegorizar toda Escritura, cujo método de interpretação aplicado por pensadores gregos pré-socráticos, estoicos etc., aos textos homéricos. Eles pretendiam descobrir ideias ou concepções filosóficas embutidas figurativamente nas narrativas mitológicas, posteriormente aplicadas à interpretação das Sagradas Escrituras, talvez ofuscando o que o texto quer mostrar na verdade.

O livro de Rute, bem como outros categorizados como históricos, com certeza tem o objetivo de mostrar como Deus age na história humana, na medida em que esta se desenvolve naturalmente, sem apelos à alegoria ou outro método de figuras de linguagem, se bem que o ser humano não se comunica sem utilizar a linguagem figurada. Neste livro podemos observar como os discursos se interagem e se constroem. Os enunciados de cada personagem, por menos participação que tenha, tem sua função na confecção do texto no todo. A fidelidade e amizade que são construídas e constituídas nas falas das mulheres e homens que fazem parte da trama. O drama que mulheres viúvas, pobres, estrangeiras enfrentam por causa de sua fragilidade. No entanto, é nessa fragilidade que elas sobrevivem e reconstróem a vida numa sociedade hostil, androcêntrica e sujeita às intempéries do infortúnio. O relato da história de Rute é uma narração edificante e pedagógica, cujo intuito é de exaltar a fidelidade, a amizade e o universalismo da providência divina. O seu desenvolvimento profundamente ligado ao cultivo da terra, dá-se pela alternância entre *fome e saciedade, carência e plenitude*.

Relendo e analisando o livro de Rute, pela análise do discurso, percebemos o quão complexa é a questão de ser estrangeiro e, ao mesmo tempo, entender que pela dialogia e alteridade se constrói tal discurso. O discurso daquele que peregrina numa terra, mesmo sabendo que não é a sua própria, no entanto assumindo para si uma nova perspectiva de vida, apagando e acrescentando novos *modi vivendi*. Em Noemi, Rute encontra a amiga, a conselheira, a ama, enfim o amparo dentro do lar. Em Booz encontra a *redenção* de sua condição de viúva, pobre e estrangeira, e a coloca como mulher amada, desejada e redimida do seu opróbrio. Em Obed, seu filho, encontra a continuidade e perpetuação do seu nome, restaura sua condição de mãe, matriarca e bênção que toda mulher deve ser dentro do próprio lar, na sociedade e no projeto de Deus para a família. Rute, pela sua humildade e consideração pela sua sogra, conquista para si um lugar que poucas mulheres tiveram, ou pelo menos não foram mencionadas, no eterno plano de redenção da humanidade, entra para a linhagem daquele que seria o Redentor, o *Goel* proferido por Jó, o Cristo dos evangelhos.

Bibliografia

- BAKHTIN, Michail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BÍBLIA online*. Disponível em << <http://www.sbb.org.br> >>. Acesso em abril de 2012.
- Bíblia do peregrino*. Trad. de Luiz Afonso Schokel. São Paulo: Paulus, 2. edição, 2006.
- Bíblia Sagrada edição pastoral*. São Paulo: Paulus 1991.

- CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 2 ed., 3ª reimpressão. Contexto, São Paulo, 2008.
- FERREIRA, Antônio Joel. *Paulo, Jesus e os marginalizados*. Leitura confitual do Novo Testamento. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, Editora América 2009.
- FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *Contributos bíblicos para a condição feminina – o livro de Rute*. (2001). Disponível em <<<http://religioes.no.sapo.pt/Rute.html>>> – Acesso em abril de 2012.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. *História da loucura na Idade Clássica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2004.
- GERALDI, João Wanderley. “Tópicos de Linguística V”, sobre o pensamento de Mikhail M. Bakhtin, anotados entre julho e novembro de 2003. Disponível em <<<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/a00006.htm>>> – Acesso em abril de 2012.
- GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulus, 2011.
- GILLIGAN, Caroll. *In a different voice*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1982.
- HARRISON, Everett f. BROMILEY, Geoffrey W. Baker’s Dictionary of Theology. Baker Book House. Grand Rapids, Michigan, 1981.
- MAGRI, Marília Valencise & BARONAS, Roberto Leiser. *A constituição do ethos no discurso relatado: apontamentos sobre a construção da verdade no discurso jurídico*. In: BARONAS, Roberto Leiser (org.) *Análise de Discurso: problemáticas contemporâneas*. São Carlos. Pedro & João Editores, 2009.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese do discurso*. Trad. Sírio Possenti. Criar Edições. Curitiba, 2007.
- MESTERS, Carlos. *Como ler o livro de Rute*. Pão, Família, Terra. São Paulo: Paulus, 3. edição, 2003.
- MEYERS, Carol L. *Everyday life. Women in the Period of the Hebrew Bible*. In: Carol A. Newsom & Sharon H. Ringe (eds.). *The Women’s Bible Commentary*. London / Westminster: John Knox Press, 1992, p. 244-251 (p. 245).
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.
- _____. *Análise Automática do Discurso (AAD69)*. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.